

Os geomorfotopônimos em mapas históricos de Minas Gerais

Marianna de Franco Gomes

Universidade Federal de Minas Gerais
marianna.de.franco@hotmail.com

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Universidade Federal de Minas Gerais
candidaseabra@gmail.com

Márcia Maria Duarte dos Santos

Universidade Federal de Minas Gerais
mduantosy@yahoo.com.br

Resumo:

Documentos cartográficos são fontes de informação de grande valor linguístico para a toponímia, pois apresentam registros históricos utilizados como objetos de análise aos estudos. Diante dessa perspectiva, os objetivos deste trabalho compreenderam apresentar alguns resultados obtidos em nosso trabalho de Dissertação intitulado Geomorfotopônimos históricos (GOMES, 2019), defendido na Faculdade de Letras da UFMG. A proposta consistiu em descrever e analisar os geomorfotopônimos coletados em mapas de Minas Gerais produzidos nos Setecentos e Oitocentos Colonial e Joanino - desdobramento do projeto Registros Cartográficos Históricos: Revelando o Patrimônio Toponímico de Minas Gerais do Período Colonial ao Joanino, realizado entre 2014 e 2016 no Centro de Referência de Cartografia Histórica da Universidade Federal de Minas Gerais (CRCH-UFMG). Partindo do pressuposto de que o topônimo guarda estreita relação com o ambiente que nomeia, segundo os pressupostos teóricos e metodológicos de Dick (1990 a, b, 1999, 2006) e Seabra (2004, 2006), por meio do viés diacrônico, foram analisados 101 geomorfotopônimos coletados do banco de dados. A análise quantitativa e qualitativa dos objetos de estudo permitiu enfatizar a presença e a relevância dos traços do relevo no período de povoamento da região mineira ao nomear os primitivos arraiais. Além disso, verificamos a relação entre os topônimos estudados e o ambiente nomeado, verificada, inclusive, por meio de representações do relevo nos mapas que compõem o acervo cartográfico utilizado na pesquisa. Este trabalho explicita, portanto, a importância do estudo da Toponímia Histórica por permitir resgatar aspectos históricos e culturais de uma sociedade.

Palavras-chave:

Léxico, Toponímia, Cartografia Histórica, Minas Gerais, Geomorfotoponímia.

Abstract:

Cartographic documents are information sources of great linguistic value to toponymy as they present historical records used as objects of analysis to studies. Considering this perspective, the goals of this work were to present some results obtained through our Dissertation work entitled Historical Geomorphotoponyms (GOMES, 2019), defended at the Faculty of Letters of UFMG. The proposal consisted of to describe and analyze the geomorphotoponyms collected from maps of Minas Gerais state in Brazil produced in the Colonial and joanine periods in the seventeenth and eighteenth centuries - development of the project Registros Cartográficos Históricos: Revelando o Patrimônio Toponímico de Minas Gerais do Período Colonial ao Joanino (Historical Cartographic Records: Revealing the Toponymic Heritage of

Minas Gerais from the Colonial to the Joanine Period), performed between 2014 and 2016 at the Historical Cartography Reference Center of the Federal University of Minas Gerais (CRCH-UFMG). Based on the assumption that toponymy is closely related to the environment it names - the theoretical and methodological assumptions of Dick (1990 a, b, 1999, 2006) and Seabra (2004, 2006), through the diachronic bias, 101 geomorphotoponyms collected from the database were analyzed. The quantitative and qualitative analysis of the studied geomorphotoponyms allowed the emphasis on the presence and relevance of the relief features in the settlement period of Minas Gerais region when naming the first villages. Besides, the relation between the studied toponyms and the named surrounding was verified by means of relief portrayal in the maps that compose the cartographic collection used in the research. This work, then, discloses the importance of studying Historical Toponymy as it allows the recovery of historical and cultural aspects of a society.

Keywords:

Lexicon, Toponymy, Historical Cartography, Minas Gerais, Geomorphotoponymy,

Introdução

Estudar o léxico de uma língua permite conhecer aspectos culturais de um povo, principalmente ao levar em consideração que os falantes utilizam palavras que refletem a experiência de mundo por eles vivenciada. Tratando-se da Toponímia (estuda os nomes próprios de lugares), que está inserida nas ciências lexicais, permite conhecer tais aspectos culturais por meio do ato denominativo de lugares.

Ao nomear um lugar, o item lexical é cristalizado como topônimo, e, desse modo, perpetua-se no tempo, sobrevivendo por gerações. Diante dessa perspectiva, compreendemos o topônimo como “o resultado da ação do nomeador ao realizar um recorte no plano das significações, representações, ou seja, praticar um papel de registro no momento vivido pela comunidade” (ANDRADE e DICK, 2012, p.197). Desse modo, estudar um topônimo permite recuar ao passado e resgatar informações históricas e culturais que compreendiam a realidade vivida pelo nomeador e, provavelmente, o grupo social em que estava inserido. Nesse ponto, é pertinente destacar o caráter de “testemunho histórico” do topônimo, conforme apresenta Dick:

Se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. Chega, muitas vezes, a se espalhar além de seu foco originário, dilatando, conseqüentemente, as fronteiras políticas, e criando raízes em sítios distantes. Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora a sua presença dinâmica. (DICK, 1990a, p.22)

Objetivamos apresentar, por meio deste texto, alguns resultados do trabalho de Dissertação intitulado *Geomorfotopônimos Históricos*¹, defendido na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, em 2019. Contemplando os estudos do léxico toponímico, o trabalho defendido objetivou o estudo dos geomorfotopônimos, isto é,

¹ GOMES, Marianna de Franco. *Geomorfotopônimos Históricos*. Dissertação (Mestrado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em Disponível em: < <http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/1993M.pdf> > Acesso em: ago. 2019.

nomes de lugares que apresentam como principal fator motivacional aspectos relacionados ao relevo. Os geomorfotopônimos integram uma taxa, entre as 27, propostas por Dick (1990b). Trata-se de um procedimento teórico e metodológico, desenvolvido pela estudiosa, para classificar os topônimos de acordo com os principais fatores motivacionais que conduziram o ato denominativo, considerando tanto fatores de natureza física, quanto os de natureza social.

Os topônimos que constituem o *corpus* do trabalho foram coletados do banco de dados do projeto *Registros Cartográficos Históricos: Revelando o Patrimônio Toponímico de Minas Gerais do Período Colonial ao Joanino*. Trata-se de um banco de dados formado por topônimos coletados em mapas de Minas Gerais produzidos nos Setecentos e Oitocentos Colonial e Joanino. Os objetos investigados no trabalho de Dissertação eram, portanto, históricos, o que evidencia, ainda mais, o caráter de testemunho histórico explicitado anteriormente, segundo os pressupostos teóricos de Dick (1990a).

Os objetivos que conduziram a pesquisa contemplam o pressuposto de que o topônimo esteja associado ao ambiente que nomeia, conforme apresenta Sapir (1961) ao explicitar a relação entre o léxico e o ambiente. Dessa maneira, por meio do viés diacrônico, a proposta da pesquisa consistiu em analisar a evolução toponímica dos geomorfotopônimos, coletados no banco de dados do projeto citado, e explicitar variações, mudanças e a permanência desses topônimos no território atual, assim como descrever traços do relevo verificados por meio dos topônimos e a relação estabelecida entre o ambiente nomeado, de acordo com o contexto histórico de produção cartográfica em que os topônimos foram coletados. Tendo em vista a importância do relevo no período de povoação do território que hoje conhecemos como Minas Gerais, acreditamos que tais elementos da topografia poderiam ser marcos e referências para os primeiros desbravadores do território e, posteriormente, para a definição de rotas – caminhos, para os habitantes das Minas. Supomos, também, que o sentimento de admiração pelas paisagens da Colônia, o que inclui a admiração pela forma de relevo, poderia refletir na nomeação dos lugares. (GOMES, 2019, p. 19).

Sendo desdobramento do projeto citado anteriormente, para compreender o trabalho desenvolvido, portanto, é necessário, primeiramente, apresentar o projeto, cujo banco de dados serviu como fonte de informações para a coleta dos objetos de estudo.

O projeto Registros Cartográficos Históricos: Revelando o Patrimônio Toponímico de Minas Gerais do Período Colonial ao Joanino

O projeto Registros Cartográficos Históricos: Revelando o Patrimônio Toponímico de Minas Gerais do Período Colonial ao Joanino², realizado entre 2014 e 2016 no Centro de Referência em Cartografia Histórica (CRCH/UFMG), permitiu estudar topônimos históricos, que nomeavam acidentes geográficos de natureza humana, retirados de quinze mapas

² Financiada pelo CNPq (Processo nº 408869/2013-5).

que compõem as Comarcas da Capitania de Minas Gerais nos Setecentos e Oitocentos Colonial e Joanino. Tratam-se de 8 mapas da Capitania e 7 de suas Comarcas: Paracatu, Rio das Mortes, Sabará, Serro Frio e Vila Rica. Os documentos cartográficos utilizados para realizar o estudo, pertencem a acervos de museus, de arquivos e bibliotecas no Brasil e em Portugal, sendo o mapa mais antigo de 1767, anônimo, e o mais recente de 1821, realizado por Eschwege.

Coordenado pela Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra e pela Profa. Dra. Márcia Maria Duarte dos Santos, o projeto desenvolvido possibilitou a criação de um banco de dados em que os 2.341 topônimos levantados foram organizados, explicitando informações linguísticas, históricas e geográficas. Desde 2017, é possível ter acesso ao banco de dados por meio do Repositório de Dados³, que constitui um dos produtos do projeto, acessível pela internet.



Figura 1 – Tela inicial do *Repositório de Dados*: o banco de dados do projeto está disponível na aba “Repositório”. Fonte: Santos, Seabra e Costa. (2017)

Evidenciamos a importância dos documentos cartográficos no período Colonial, pois, era necessário conhecer o território para dominá-lo e administrá-lo. O estado da arte da Cartografia portuguesa, referente às colônias, eram documentos sigilosos por compreenderem os interesses do reino e, por isso, ficavam sob a responsabilidade de poucos homens de autoridade e confiança (GOMES, 2019, p. 60). Os mapas são, portanto, instrumentos de pesquisa por

³ SANTOS, M. M. D. dos; SEABRA, M. C. T. C. de; COSTA, A. G. (Org.). *Repositório de Dados: Toponímia Histórica de Minas Gerais, do Setecentos ao Oitocentos Joanino – Registros em Mapas da Capitania e das Comarcas*. Belo Horizonte, MG: Museu de História Natural e Jardim Botânico (MHNJB/UFMG); Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHG/MG), 2017. Disponível em: <<http://repositoriotoponomia.com.br/home>> Acesso em: set. 2019.

constituírem fonte de informação aos estudos, inclusive, à Toponímia. Como apresentam Santos e Seabra (2017):

A proeminência dos mapas, por sua vez, entendidos como fontes primárias e históricas de informação, muitas vezes, diz respeito à especificidade das mensagens que propiciam a comunicação de atributos espaciais de uma forma eficaz, como nenhum outro sistema de comunicação linguístico, ou não linguístico, é capaz de realizar. Esses atributos relacionam-se ao conhecimento da distribuição de fatos, fenômenos e eventos, dos padrões que podem formar, e de suas relações em um determinado espaço geográfico. (SANTOS, SEABRA, 2017)

Além da ausência do estudo dos geomorfotopônimos, adotando viés histórico e diacrônico, em Minas Gerais, que justificou o interesse para realizar o trabalho, a taxa dos geomorfotopônimos revelou-se como uma das mais produtivas - conforme os resultados apresentados por meio do Atlas digital⁴, outro produto do projeto, entre as taxas de natureza física, representando 4% do total de topônimos que integram o banco de dados utilizado para a coleta, que serviu como motivação para estudar essa taxonomia, isoladamente.

Procedimento metodológico

A formação do *corpus* toponímico do trabalho foi facilitada por meio do sistema de busca avançada disponibilizado no *Repositório de Dados*, uma vez que utiliza filtros de acordo com os objetivos do pesquisador. Desse modo, a seleção contemplou os filtros que permitiram selecionar, apenas, os geomorfotopônimos históricos, objetos de estudo do trabalho.

Constituído o *corpus* do estudo, que corresponde a 101 geomorfotopônimos, fichas lexicográficas foram utilizadas para sistematizar os dados da pesquisa. Trata-se de um procedimento metodológico desenvolvido por Dick (1990) e adaptado por Seabra (2004), que permite apresentar de forma sistemática informações linguísticas, históricas, geográficas e enciclopédicas sobre um topônimo. Para corresponder aos objetivos do estudo proposto, algumas adaptações na ficha foram necessárias. Além disso, criamos um quadro-contexto, que corresponde ao desdobramento do campo "contexto" do modelo de ficha lexicográfica apresentado por Seabra (2004), em que sistematizamos os topônimos históricos por meio de classificações e informações que correspondem aos objetivos propostos na pesquisa. A ficha lexicográfica, seguida do quadro-contexto, do geomorfotopônimo histórico *Beturuna* é apresentada, como exemplo, a seguir:

⁴ SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa; COSTA, Antônio Gilberto (Orgs.). *Atlas – Patrimônio Toponímico na Cartografia Histórica de Minas Gerais*. Belo Horizonte/MG: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, 2016. 1 CD. Acompanha material complementar (1 folheto e 10 marcadores de páginas). Disponível em: <<https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/toponimia/index.html>>. Acesso em: set. 2019.

2- *Beturuna*

TOPÔNIMO ATUAL: Ibituruna

CLASSIFICAÇÃO GEOGRÁFICA

REGIÃO GEOGRÁFICA INTERMEDIÁRIA: Varginha

REGIÃO GEOGRÁFICA IMEDIATA: Lavras

MESORREGIÃO: Oeste de Minas

MICRORREGIÃO: Oliveira

ACIDENTE: Atual sede municipal

ORIGEM: Indígena < tupi

HISTÓRICO: “Ibituruna” foi o primeiro povoado fundado em Minas Gerais, em 1674, pelo bandeirante Fernão Dias Paes Leme, e por isso a localidade é conhecida como o “Berço da Pátria Mineira”, conforme é apresentado pelo IBGE⁵: “Este, ao transpor o rio Grande, estabelece o arraial, deixando no local um marco (pedra que marcava a sesmaria) até hoje existente e muito visitado pelos turistas”. Como afirma Barbosa (1995, p.150-151), “Ibituruna” é uma das poucas localidades de Minas Gerais que manteve o nome primitivo, já que o nome aparece desde a primeira bandeira de Fernão Dias Pais. De acordo com o estudioso, por meio da Lei n° 2150, de 30 de outubro de 1875, foi criada a freguesia denominada “São Gonçalo da Ibituruna”, instituída canonicamente em 1877. Segundo informação apresentada pelo IGA/ALMG (1997), a adoção do nome se deu entre 1675-1769. Teve o nome reduzido para “Ibituruna” em 1923, distrito do município de Bom Sucesso, tornando-se município desmembrado apenas em 1962 por meio da Lei n° 2764, de 30 de dezembro.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NC [S+ ADJ]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Segundo Navarro (2013, p.566), “Ibituruna” de *ybytyra* + *un* + *-a*: Serra escura. O nome deve remontar ao século XVII: “[...] olhando para o Sul vimos ao longe uma Serra que nos disseram ser da *Ibituruna*”.

Barbosa (1995, p.150) explicita duas traduções ao topônimo “Ibituruna”: 1. Apresentada por Diogo de Vasconcelos, significa Serra Negra. 2. De acordo com Martius, significa nuvem negra.

Sampaio (1901, p.117) apresenta “buturuna” como “monte negro, montanha escura, serra negra” em São Paulo e Minas Gerais, assim como apresenta Joaquim Ribeiro Costa (1997, p.229) ao definir o topônimo como “o monte negro”.

Explicita Vasconcelos (1974, p.79), ao tratar “Ibituruna” como “o mais antigo lar da pátria mineira”: “Situada em posição felicíssima, nem perto nem longe das grandes águas, no centro de matas férteis de caça e mel, foi a Ibituruna propícia ao desporto de todos os viandantes no período do povoamento”.

⁵ IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ibituruna/historico>> Acesso em: dez. 2018.

Beturuna Nº de ocorrências: 05

Referência cartográfica	Escala geográfica	Comarca	Acidente geográfico	Registro toponímico	Taxonomia
CARTA geográfica (1767)	Capitania	Rio das Mortes (Setecentos)	Arraial	Beturuna	Geomorfotopônimo
ROCHA(1777a)	Capitania	Rio das Mortes (Setecentos)	Paróchias	Buturuna	Geomorfotopônimo
ROCHA (1777b)	Comarca	Rio das Mortes (Setecentos)	Paróchias	Buturuna	Geomorfotopônimo
ROCHA (1778a)	Capitania	Rio das Mortes (Setecentos)	Paróchias	Boturuna	Geomorfotopônimo
ROCHA (1778b)	Comarca	Rio das Mortes (Setecentos)	Paróquia	Beroruna	Geomorfotopônimo

Figura 2- Ficha lexicográfica e quadro-contexto do geomorfotopônimo histórico *Beturuna*. Fonte: Gomes (2019, p. 114-115).

Análise dos dados e resultados

Diante da impossibilidade de apresentar todos os resultados obtidos por meio do trabalho de Dissertação, adequando-nos a este trabalho, apresentamos um recorte da análise dos dados e discussão dos resultados. Utilizamos o mapa da Capitania de Minas Gerais (1777a), realizado por Rocha, para ilustrar a distribuição diatópica de geomorfotopônimos na Capitania mineira nos Setecentos e o mapa de 1821, realizado por Eschwege, para ilustrar os geomorfotopônimos na Capitania mineira nos Oitocentos, apresentados, a seguir:



Figura 3 - Geomorfotopônimos na Capitania de Minas Gerais: mapa de Rocha (1777a). Fonte: Gomes (2019, p. 161).

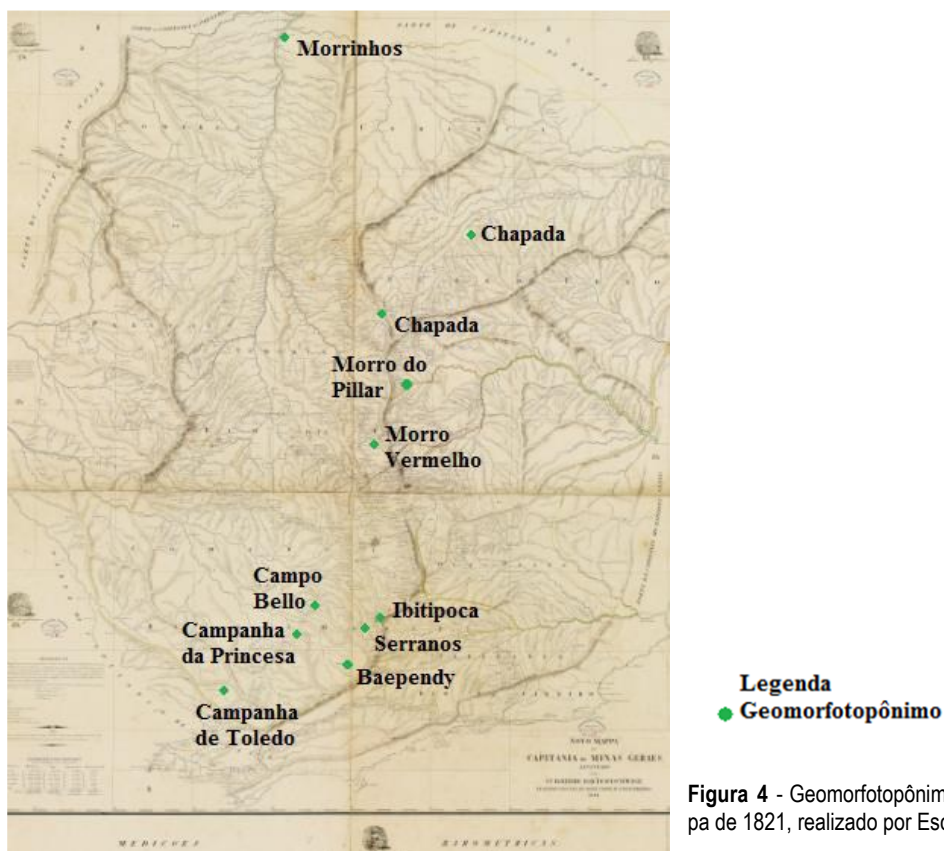
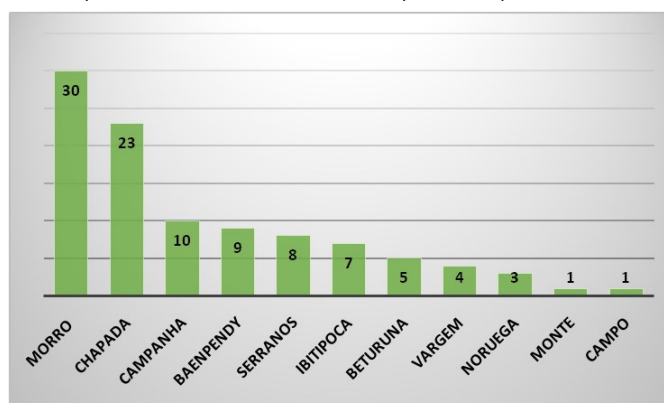


Figura 4 - Geomorfotopônimos na Capitania de Minas Gerais: mapa de 1821, realizado por Eschwege. Fonte: Gomes (2019, p. 162).

A análise dos dados revelou o predomínio de geomorfotopônimos na Comarca do Rio das Mortes⁶, que, inclusive, compreendia uma das Comarcas mais povoadas no período Colonial. Esse resultado apontou o interesse por traços do relevo na região em questão. Verificamos, também, a produtividade de geomorfotopônimos formados pelo termo “Morro” e “Morrinhos”, principalmente, na Comarca do Sabará:

Gráfico 1 – Os geomorfotopônimos históricos de Minas Gerais por base toponímica. Fonte: Gomes (2019, p. 169).



⁶ Atualmente a Comarca do Rio das Mortes corresponde às regiões geográficas intermediárias Varginha, Pouso Alegre e secundariamente Divinópolis, Belo Horizonte e Juiz de Fora.

Esse resultado é compreensível ao considerarmos que os morros orientavam os bandeirantes, sertanistas e índios, pelos sertões no período de povoamento da região e reafirma a relação estabelecida entre o topônimo e o ambiente nomeado. Tal relação foi analisada, inclusive, por meio das representações do relevo nos mapas em que os topônimos foram coletados, conforme é explicitado, a seguir:

Quadro 1 – Relação entre o geomorfotopônimo e a representação do relevo feita pelos cartógrafos autores do acervo cartográfico usado neste trabalho. Fonte: adaptado de Gomes (2019, p. 181).

Topônimo	Representação do relevo no mapa de José Joaquim da Rocha(1777a)	Representação do relevo no mapa de 1821, realizado por Eschwege
Morro		

Em relação à origem linguística dos topônimos estudados, verificamos a presença majoritária de topônimos de origem portuguesa, correspondendo a 79% do total. O resultado revela-se compatível ao período de povoamento da Colônia, tendo em vista o domínio da Coroa portuguesa. O restante dos topônimos que integram o *corpus* do trabalho, ou seja, 21%, corresponde aos geomorfotopônimos de origem indígena tupi. Apesar da presença em menor número, reforçamos a importância desses topônimos, já que marcam a presença tupi no território ao evidenciar a presença de alguns aspectos da topografia do relevo por meio de termos indígenas. Verificamos, inclusive, que tais nomes sobreviveram por meio da toponímia, “principalmente, porque os geomorfotopônimos indígenas contemplados neste estudo seguiram figurando a localidade atual considerando alterações ortográficas ou mudança parcial do nome.” (GOMES, 2019, p. 184).

Sobre os acidentes geográficos é pertinente esclarecer que correspondiam ao período em que os mapas foram produzidos, ou seja, arraiais, capelas, paróquias, vilas, aldeias e registros/destacamentos.

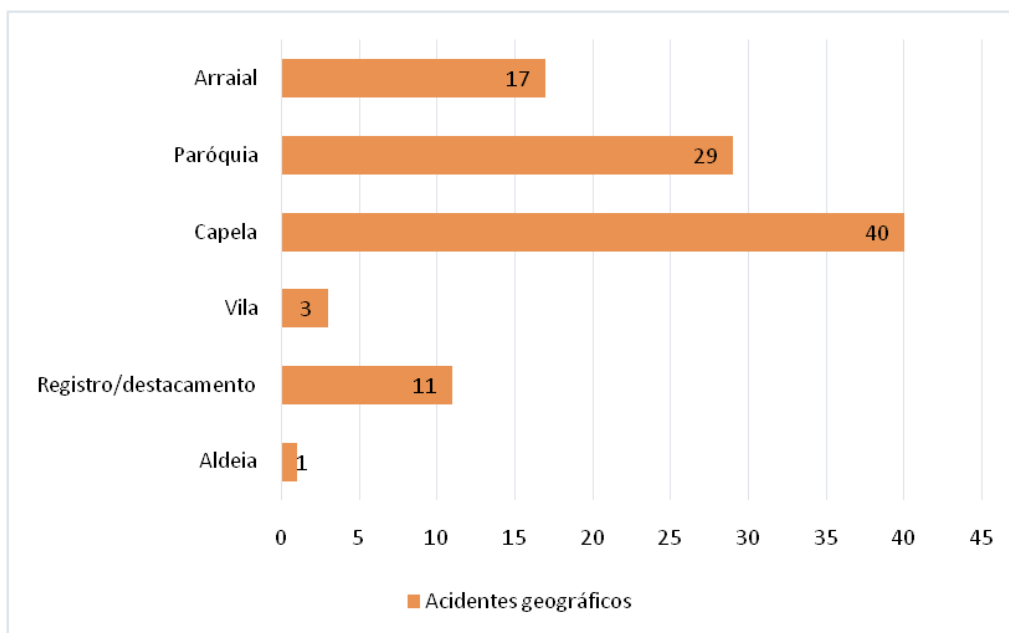


Gráfico 2 – Ocorrências de acidentes geográficos nomeados por geomorfotopônimos na Capitania de Minas Gerais.

Por meio do resultado apresentado no gráfico anterior, constatamos maior presença de arraiais nomeados por geomorfotopônimos, principalmente capelas, “o que indica que os traços geográficos que se associam ao relevo da região correspondem à motivação primitiva no ato de denominação, dado que nomeavam as primeiras povoações mineiras verificadas neste trabalho”. (GOMES, 2019, 210).

Em relação à análise da variação e mudança toponímica⁷, verificamos considerável permanência dos traços do relevo na Toponímia atual, o que indica a sua importância e relevância. Partindo da análise do topônimo histórico até a denominação atual⁸, apresentamos esse resultado por meio dos seguintes exemplos:

Varição:(42%)

Gráfica/fonética:

Ibituruna < Boturuna ~ Beroruna ~ Buturuna ~ Beturuna

Campo Belo < Campo Bello

Chapada ~ Xapada

Morro do Chapéo ~ Morro do Xapeo

⁷ Para realizar essa análise utilizamos os pressupostos teóricos de Seabra (2016) e Dauzat (1926). De acordo com os linguistas, a variação corresponde às transformações ocorridas no topônimo e a mudança corresponde às substituições (GOMES, 2019, p. 196). Em relação às mudanças, segundo Seabra (2016, p. 137-154), o termo “mudança espontânea” é adotado quando a mudança se dá na língua após invasões ou conquistas de um território e “mudança sistemática” evoca, em geral, o nome de um soberano ou autoridades de uma região e é imposta com o objetivo de homenagear alguém.

⁸ Utilizamos o símbolo > para indicar mudança e o símbolo ~ para indicar variação.

Mudança espontânea: (26%)

Por substituição parcial dos itens léxicos:

Campanha < Campanha da Princesa < V^a Campanha da Princesa < Campanha < Campanha do R.º verde.

Conceição do Ibitipoca < Ibitipoca

Catas Altas da Noruega < Catas Altas < Catas Altas da Noruega < Noruega < Catas Altas da Noroega

Chapada do Norte < Chapada

Mudança sistemática: (16%)

Arinos < S. Anna < Morrinhos < Capela dos Morrinhos

Barão de Cocais < S. João < São João do Morro Gr. ^{de} < Morro Grande ~ Morro Gr^{de}

Matias Cardoso < Morrinhos

Manutenção: (16%)

Serranos

Morro da Garça

Morro Vermelho < Morro Verm.º ~ Morro Vermelho

A análise dos dados e resultados obtidos permitiu considerar que os nomes de povoados e de traços geográficos, como montanhas e rios, tendem a sobreviver mesmo a uma total substituição da língua (BYNON⁹, apud SEABRA, 2006, p.1957):

provavelmente, por corresponderem a importantes referências locativas, o que contempla, inclusive, uma das características gerais dos topônimos devido à função referencial locativa. Constatamos que os casos em que houve substituição total do geomorfotopônimo contemplam mudanças sistemáticas, que correspondem a homenagens, conforme apresentamos nas fichas lexicográficas. (GOMES, 2019, p. 202).

Considerações finais

Por meio da análise dos dados e resultados obtidos, afirmamos algumas hipóteses, como a presença de “Campo Belo” e “Vargem-Bonita”, que confirmam o interesse por traços do relevo que remontam à apreciação da paisagem. Veri-

9 BYNON, Teodora. Can there ever be a Prehistorical Linguistics? *Cambridge Archaeological Journal* 5:2. London, 1995, p. 263.

ficamos, também, a relação entre o topônimo e o ambiente nomeado, principalmente por meio da produtividade do topônimo “Morro”, marcando a presença dos morros desde o período de povoamento de Minas Gerais. Foi possível verificar, portanto, a presença e importância dos traços do relevo no período dos Setecentos e dos Oitocentos colonial e joanino, em Minas Gerais, por meio da toponímia. Ademais, explicitamos o valor do resgate toponímico, considerando a sua riqueza histórica e cultural, como o topônimo “Morro Grande” - atualmente a localidade figura “Barão de Cocais”. A análise dos topônimos históricos estudados apontou a permanência dos traços do relevo na toponímia atual, valendo-se de variações e mudanças parciais na nomeação, revelando a importância da preservação toponímica. Concluímos, portanto, que a manutenção dos nomes primitivos na toponímia consolida a preservação da história e cultura local. Acreditamos na válida contribuição do trabalho realizado para os estudos do léxico toponímico histórico de Minas Gerais, assim como, reiteramos que a pesquisa não se esgota aqui, fomentando o desenvolvimento de futurotrabalhos.

Referências

- ANDRADE, Karylleila dos Santos; DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A interdisciplinaridade no contexto da toponímia: reflexões iniciais de uma proposta aplicada ao ensino. In: ISQUERDO. A. N; SEABRA. M. C. T. C. de. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. VI. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012. p. 193-207.
- BYNON, Teodora. Can there ever be a Prehistorical Linguistics? In: *Cambridge Archaeological Journal* 5:2. London, 1995.
- DAUZAT, A. *Lesnoms de lieux*. Paris: Delagrave, 1926.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Edições Arquivo do Estado, 1990a.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/ USP, 1990b.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e Questões Terminológicas na Onomástica. Estudo de caso: O Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. In: *Investigações Linguísticas e Teoria Literária*. Recife: UFPE, 1999. p.119-148.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Fundamentos teóricos da toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (Variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p.91-117.
- GOMES, Marianna de Franco. *Geomorfotopônimos Históricos*. Dissertação (Mestrado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <<http://www.poslin.letas.ufmg.br/defesas/1993M.pdf>> Acesso em: ago. 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>> Acesso em: out. 2018.
- SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa; COSTA, Antônio Gilberto

(Orgs.). *Atlas – Patrimônio Toponímico na Cartografia Histórica de Minas Gerais*. Belo Horizonte/MG: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, 2016. 1 CD. Acompanha material complementar (1 folheto e 10 marcadores de páginas). Disponível em: <<https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/toponimia/index.html>>. Acesso em: set. 2019.

SANTOS, M. M. D. dos; SEABRA, M. C. T. C. de; COSTA, A. G. (Org.). *Repositório de Dados: Toponímia Histórica de Minas Gerais, do Setecentos ao Oitocentos Joanino – Registros em Mapas da Capitania e das Comarcas*. Belo Horizonte, MG: Museu de História Natural e Jardim Botânico (MHNJB/UFMG); Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHG/MG), 2017. Disponível em: <<http://repositoriotoponimia.com.br/home>> Acesso em: set. 2019.

SANTOS, M. M. D. dos; SEABRA, M. C. T. C. de. Apresentação do Projeto: Registros cartográficos históricos: revelando o patrimônio toponímico de Minas Gerais do período Colonial e Joanino. In: SANTOS, M. M. D. dos; SEABRA, M. C. T. C. de; COSTA, A. G. (Org.). *Repositório de Dados: Toponímia Histórica de Minas Gerais, do Setecentos ao Oitocentos Joanino – Registros em Mapas da Capitania e das Comarcas*. Belo Horizonte, MG: Museu de História Natural e Jardim Botânico (MHNJB/UFMG); Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHG/MG), 2017. Disponível em: <<http://repositoriotoponimia.com.br/projeto>> Acesso em: set. 2019.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência – Ensaio*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo*. 2004. 368 f. Tese (Doutorado, Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. 2 v.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES J. S. D., TRAVAGLIA, L. C. (Org.). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. Uberlândia/MG. EDUFU, v.1, 2006. p. 1953-1960.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Variação e Mudança Linguística de Topônimos. In.: COSTA, D. S. S; BEMÇAL, D. R. (Org.). *Nos Caminhos do Léxico*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2016, p. 137 -154.

